

LUÍS DE MATOS

Entrevistado por Pedro Foyos

DEZEMBRO 1995

Fantasia impenitente, Luís de Matos quis associar o lançamento de um livro da sua autoria a algo de verdadeiramente extraordinário no domínio da arte mágica. Um assombroso projeto: adivinhar, com uma semana de antecedência, os números do totoloto. Dias antes deste acontecimento memorável fiz a Luís de Matos a mais impertinente e singular entrevista da minha carreira.

Quem nunca ambicionou poder, um dia, por graça de um qualquer miraculoso desígnio, adivinhar o número da sorte grande? Ou antecipar-se no conhecimento dos resultados desportivos que permitiria, com uma singela aposta, a vitória plena no totobola? Ou saber, com a exatidão fulminante das personagens visionárias das ficções fantásticas, quais as esferas que a tómbola eletrónica do totoloto irá fazer extrair, naquela cadência deslizante de números

fortunosos que, por regra, se mostram trocistas para com o nosso esforçado palpíte?

Bem sabemos que este género de cenários pertence ao mundo dos sonhos, dos devaneios maravilhosos que perpassam o espírito como quimeras apetecidas. Eivadas, porém, de algum egoísmo: porque, convenha-se, sempre vamos rejeitando a eventualidade de tais milagres se confinarem a um segundo prémio da lotaria, da mesma forma que reagiríamos mal a uma proposta do tipo: “... *bem, o próximo sorteio do totoloto irá dar o seguinte resultado, porém vamos lá partilhar este segredo com mais meia dúzia de parceiros...*”

Que dizer, então, se alguém, num lance de presciência mágica, conhecedor dos números que apenas serão determinados num futuro sorteio, renunciar à participação no concurso por considerar que estaria por essa forma pérfida não só a perturbar caoticamente o sistema mas também a lesar os restantes intervenientes “normais” (entenda-se: desprovidos em tão elevado grau de faculdades mágicas e premonitórias).

A utopia, contudo, converteu-se numa realidade difícil de acreditar, mas visível aos olhos de Portugal inteiro. Luís de Matos aceitou, de facto, uma das mais desafiantes provas da sua carreira ao propor-se adivinhar o conjunto de sete algarismos premiados, entre as costumadas esferas, num concurso do totoloto, cujo sorteio oficial (e antecipada “adivinhação” dos números) se efetuou em transmissão direta pela RTP.

A ENTREVISTA (OU: UM JOGO DO GATO E DO RATO)

O vocábulo “adivinhação”, reportado ao que vai passar-se na próxima semana, deve ser escrito com aspas ou sem aspas?

Visualmente, creio que a palavra ficará mais bonita sem aspas.

O que se pretende saber é: assume essa adivinhação como um ato de magia ou prefere que as pessoas a encarem em termos de efetiva premonição?

Talvez uma premonição ilusionística. Ou uma ilusão premonitória... De qualquer dos modos, devo sublinhar que procuro, em todas as minhas intervenções, criar ilusões...

Acredita em bruxas?

Não, decididamente. É conhecida, porém, aquela frase aforística: mas que as há, há...

Se calhar, é o caso...

Se calhar, é...

Isto parece um jogo do gato e do rato...

É o meu jogo favorito. A “escapalogia” é uma das mais fascinantes modalidades da arte mágica. Mas... quem é o gato e quem é o rato?

Tento ser eu o gato... mas...

Isso não lhe fica bem.

Pois não. Ossos do ofício...

Ossos têm que ver mais com os cães...

Pois.

Mais alguma pergunta?

Mal começámos! Tenho mil e uma perguntas!

Vai ter de reduzir um bocadinho...

Muita gente perguntar-se-á porque não adivinha o número da sorte grande. O conceito recorrente de faculdades

premonitórias está associado à lotaria. Costuma dizer-se: «Só me falta adivinhar o número da sorte grande...»

Na realidade, a minha opção pelo totoloto prende-se tão-só com o facto de o respetivo sorteio ser transmitido por televisão e em direto para todo o País. O público poderá constatar, instantaneamente, se o meu palpite estará ou não certo.

Há possibilidade de não acertar?

Remotíssima.

Numa escala de zero a cem, qual é a hipótese de um desaire?

Zero vírgula doze por cento.

Que preciosismo matemático!

Prezo os cálculos rigorosos. São fundamentais em magia

Se acontecer a hipótese «zero vírgula doze por cento», o que dirá ao público?

Que acabaram de ter o privilégio de assistir a uma hipótese remotíssima.

O País está suspenso, de olhos em si. Não teme o risco?

É evidente que sim. Conheço o efeito angustioso de pressentir a pouca distância a lâmina da guilhotina...

Apesar disso...

Todas as aventuras envolvem riscos e é o gosto desses riscos que torna as aventuras irresistíveis e lhe dão sentido.

Não receia que o cofre seja assaltado e alguém possa ter acesso ao vaticínio?

Confio em pleno no forte dispositivo de segurança que vai montar-se no Centro das Amoreiras, sob a responsabilidade de pessoas competentíssimas e com larga experiência, como é o caso dos senhores coronel António Almeida Coimbra e engenheiro José Carlos Rosa.

Vai intervir nesse plano de segurança?

Tenho participado em reuniões com a presença, também, do administrador dr. Vítor Ruivo. Está organizada uma segurança absoluta, sem que tal dispositivo possa de alguma forma intimidar o público. Aliás, o sistema assenta, no fundamental, em procedimentos eletrónicos de que o público quase não se apercebe.

A partir deste momento, a pergunta que mil vezes lhe vão fazer, será: «Onde está o truque?» Tem alguma resposta preparada?

O truque não é importante.

Reconheço o argumento: o caso das marionetas...

Exato. Num espetáculo de marionetas, o que poderá fascinar são as próprias marionetas e não os fios que as animam.

Admitir a existência dos “fios” já confortará muita gente...

A verdade é que nunca os neguei. Não seria honesto.

A sua “equipa mágica” participa nesta “operação”?

Inevitavelmente. E em número ampliado.

Quantas pessoas?

Muitas, muitas. Devo a todos esses colaboradores uma palavra de imensa gratidão. É uma gente formidável.

No dia 2 de Dezembro, o cofre viajará até Coimbra. A “operação” não poderia decorrer, do princípio ao fim, em Lisboa, no Centro das Amoreiras?

Coimbra aparece neste acontecimento por razões, digamos, sentimentais. É a minha cidade. Tudo quanto de mais importante tem ocorrido na minha vida está de alguma forma associado a Coimbra. O que vai passar-se constitui, sem dúvida, algo de extraordinário na minha carreira.

Qual será o intervalo de tempo entre o final da emissão do sorteio e a abertura do cofre?

Não haverá, praticamente, intervalo. O cofre será aberto pelo convidado de honra logo após o anúncio do último número.

Um minuto?

Nem pensar! Muito, muito menos.

Meio minuto?

Repito: logo após o anúncio do último número. A sequência estará a ser transmitida pela televisão, não podem haver tempos mortos.

Especula-se que, além dos números prognosticados que estão no cofre, o Luís terá consigo o boletim com a chave exata e cuja validação num posto de receção não chegou a fazer...

Não é especulação. Por sinal tenho neste momento esse boletim na minha carteira. Não espera que lho mostre, pois não?

Se não desse muita maçada...

Volto a dizer: não lhe fica bem esse género de conduta. Mais alguma pergunta?

Sim: o exemplar do livro que vai estar em foco distingue-se por alguma particularidade?

É um exemplar normalíssimo, retirado de entre os milhares da edição. Mas há de facto uma pequena diferença...

Ah!...

É o único que possui na antepágina de rosto os números que serão sorteados no próximo concurso do totoloto.

Poderá ser examinado?

Com certeza. Não esquecerei de lho apresentar se se proporcionar o nosso encontro no local.

De que depende, sobretudo, uma realização desta natureza: dos meios financeiros, dos meios tecnológicos...?

A componente mais importante é ter alguma coragem.

Centenas de pessoas assistiram no Centro das Amoreiras ao momento em que o Luís, de forma oculta, escreveu no livro o seu palpite, ou seja, os números hipoteticamente certos. São esses mesmos algarismos que aparecerão manuscritos no sábado?

Que pergunta estranha! Que outros poderiam ser?

Permanecem escritos pelo seu próprio punho?

Permanecem, claro. Não os vejo a fugirem do cofre... Continuo a não entender o sentido da pergunta.

Poderá apontar-se algum tipo de ilicitude em relação ao facto de se propor adivinhar os números do totoloto?

De maneira nenhuma. À semelhança do procedimento semanal de muitos milhares de cidadãos, farei apenas um palpite. A diferença é

que, no final, verificar-se-á, bem o creio, que o meu palpite estava certo.

A provedora da Misericórdia de Lisboa [instituição que tutela o totoloto] **revelou-me esta manhã que se deslocará a Coimbra expressamente para assistir ao final da “operação”...**

Como, por acaso, estou lá nessa ocasião, terei a grata oportunidade de saudar a atitude desassombrada e o espírito aberto da dr.^a Fernanda Mota Pinto.

Joga regularmente no totoloto?

- Apenas em situações de emergência extrema.

© PEDRO FOYOS

REPORTAGEM COMPLETA DA “OPERAÇÃO TOTOLOTO”

http://www.casaldasletras.com/pedro_reportagem.html

PROCURAR SUBTÍTULO “UMA ENTREVISTA QUASE IMPOSSÍVEL”